

COMO EU ENTENDO CINZAS DO MEU CINZEIRO

(PARCIAL)

MANOEL QUINTÃO

Valentim Neto - 2016
(Revisão de expressões e apontamentos)
neto.aga@gmail.com

CINZAS DO MEU CINZEIRO

MANOEL QUINTÃO

Prefácio de CARLOS IMBASSAHY

EDIÇÃO DA LIVRARIA DA FEDERAÇÃO ESPÍRITA DO PARANÁ CURITIBA - ESTADO DO PARANÁ

PATROCINANDO A PUBLICAÇÃO DE CINZAS DO MEU CINZEIRO A FEDERAÇÃO ESPÍRITA DO PARANÁ PRESTA A MAIS SINCERA E JUSTA HOMENAGEM A UM CONFRADE DA VELHA GUARDA – MANOEL QUINTÃO. E O FAZ SEM OUTRO INTUITO, SENÃO AQUELE DE OFERECER À NOVA GERAÇÃO ESPIRITISTA DO BRASIL UM PUNHADO DE CRÔNICAS E CONTOS, ESCRITOS POR QUEM TEVE A OPORTUNIDADE DE ACOMPANHAR, ATRAVÉS DE MUITOS ANOS – ANOS DE LUTAS E DE SACRIFÍCIOS – O DESENVOLVIMENTO DE NOSSA DOCTRINA NA “PÁTRIA DO EVANGELHO”.

A LEITURA DESTES LIVROS TRARÁ EVOCAÇÕES, RESSUSCITARÁ PERSONAGENS QUE JÁ NÃO VIVEM NOS PLANOS DA MATÉRIA E RECORDARÁ EPISÓDIOS DE OUTROS TEMPOS. SERIA BEM UM LIVRO DE SAUDADE, SE A SAUDADE TIVESSE MAIOR PRESTÍGIO NUMA FILOSOFIA DE ESPERANÇA. COM ESTAS LINHAS SINGELAS E RÁPIDAS, A FEDERAÇÃO ESPÍRITA DO PARANÁ DESEJA AINDA QUE AS CINZAS DO CINZEIRO DE MANOEL QUINTÃO POSSAM REAVIVAR AS BRASAS DE ONDE PROVIERAM.

ÍNDICE

Prefácio 4

I - O Pai é Deus 8

II – Destinos 11

III - Augúrios e agoiros 14

IV - O Borges 16

V - Vai e te será dado 18

VI - Os Espíritos curam 20

(No original constam 34 itens)

PREFÁCIO

A Editora, conhecendo os velhos laços de amizade que nos prendem ao autor deste trabalho, pede-nos algumas linhas de prefácio.

Árduo labor, entre muitos motivos, porque é difícil escrever sobre o autor e o livro, visto que Manoel Quintão não gosta que o elogiem. Ele pode receber um desaforo com um ar indiferente; até mesmo indulgente. Um epinício nunca. Por maneira que estamos aqui como os espectadores no teatro lírico de Bayreuth. Wagner por motivos diferentes, não gostava que aplaudissem suas óperas. Os que lhe ouviam as partituras deviam ter as mãos inertes e geladas, por maior que lhes fosse o entusiasmo causado pela música do genial compositor.

Mas, se no teatro alemão, descido o pano, iam todos saindo, calmos e mudos, aqui não é possível fazer o mesmo, isto é, ler o livro e ir-nos retirando à francesa. Temos que dizer alguma coisa, por mais que ao velho companheiro desagradem os turíbulo da crítica.

Quintão é um remanescente da velha guarda ou dos velhos tempos, tempos que sempre achamos bons em comparação com os atuais. Conhecemo-nos na Federação Espírita Brasileira, onde fui parar não sei como, talvez pela mão do saudoso amigo Adolfo de Amaral Ornelas.

Como se trata de cinzeiro, deixem passar essas cinzas. Éramos jovens naquela época. Quintão um pouco mais velho do que nós. A convivência, dentro da mesma seara, foi estabelecendo, primeiro a camaradagem, depois a estima que se solidificou com o tempo, com a campanha em comum, com a solidariedade da causa, e mesmo com os contratempos da jornada, que nunca faltam aos viajantes. Havia, ainda, o intercâmbio intelectual, se é que se pode chamar intercâmbio umas trocas tanto a desfavor do amigo.

Não é que andássemos sempre ombro a ombro, dentro dos princípios doutrinários. Nossas ideias nem sempre se ajustavam com muita precisão.

Mas aqui se fazia sentir a elevação espiritual do contendor. Serenada a tempestade, o sol da amizade brilhava de novo, sem que as nossas relações ficassem ligeiramente toldadas.

Esse traço do caráter do nosso amigo merece anotado, porque está fora do comum.

Em regra, um ideologista qualquer, ou mesmo um suposto ideologista, não pode ser contrariado. Quem o ver pregando os encantos da humildade e os benefícios da tolerância, supor-lo-á desses Espíritos privilegiados, vindos ao mundo por descuido. Mas vá fiar-se alguém da sua pregação e ousar por quaisquer reparos a alguns dos seus períodos. Terá um adversário para o resto da vida. Com muitos anos de experiência, lidando com prosélitos de todos os feitios e caracteres de várias bitolas, vemos que é raro guardarem os humanos a devida serenidade, quando deles se discorda.

Na melhor hipótese ficam os ressentimentos, porque é de tal ordem a nossa fragilidade de Espírito que uma simples divergência provoca rancores insopitáveis.

Tudo isto faz parte da evolução e a nossa é precaríssima. A mentalidade das criaturas ainda não está no nível que seria de desejar, e isso o vemos até em irmãos de crença, nos quais a cultura, o talento e os imperativos doutrinários os deviam ter preparado para a benignidade e para a indulgência.

Vem a propósito soprar umas fagulhas e fariscar nas cinzas do passado algumas “achegas”, como costuma dizer o nosso amigo.

Quintão em tempos idos, foi um perigoso polemista.

Isto escapou ao seu cinzeiro. Havia em Niterói um médico, o Dr. H., jovem ainda, já notável nas letras e nas ciências, escritor de pulso, de um entranhado catolicismo. E como todo bom católico não perdia a oportunidade de desancar o Espiritismo.

Esse médico é hoje senador da República, expoente na política, chefe de vigoroso partido, parlamentar acatado.

Quintão replicou ao médico, e como não rejeitava parada, seguia-lhe as pegadas nas ironias, nos remoques e, por vezes, nas asperezas.

Um dia, vínhamos com um amigo, de braço dado, quando encontramos Quintão, que sobraçava uma pasta. Cumprimentos, boas palavras e entramos a conversar amigavelmente, conversa entremeada de chistes; interessante, porque, diga-se a verdade, os dois amigos era dois causeurs,

como costumavam falar os amantes de galicismo. E estavam encantados um com o outro, quando perguntamos ao Quintão:

Sabe quem é este?

Não – replicou ele – pois você não teve a lembrança de nos apresentar. E, aliás, era isto o que eu estava esperando. Pois este é o Dr. H., aquele doutor de Niterói, implacável adversário de nossa doutrina, de que você disse que a sua maior atividade era a de passar atestados de óbito.

O amigo riu. O Quintão ficou imperturbável, como um verdadeiro artista. Só se lhe notava a surpresa por um ligeiro piscar de olhos. E, por sua vez, risonho replicou:

Todos os esculápios passam atestado de óbito, isto faz parte do ofício, ou dos seus percalços, e quanto maior for o número de atestados maior será a demonstração de sua atividade clínica. Os bons médicos são os chamados para os casos extremos...

Boa saída, - atalhamos – não sem admirar o companheiro, como repentista, face que lhe desconhecíamos.

O doutor declarou que não se podia queixar das facécias do contendor, visto que a sua consciência o acusava de não ter sido ameno no troco. Mas via, naquele momento, o arco-íris da bonança.

A palestra continuou ainda mais afável e eles se despediram num abraço conciliador, amigo, como de velhos conhecidos.

E o médico nos declarava, depois, em caminho:

Quem havia de dizer?... Eu imaginava este Quintão um sujeito feroz! Como as aparências iludem!

E o Quintão mais tarde:

Você faz cada uma! Que pilhéria de mau gosto!... Eu podia ter ficado atrapalhado... Quem é de circo não se aperta. Mas gostei do H... Sujeito fino, delicado...

É assim que terminam as contendas com pessoas de certo polimento, e, sobretudo, de certo adiantamento espiritual. Esse adiantamento faz que não demorem no Espírito quaisquer melindres, e muito menos que eles se traduzam em atos de represália, indelével mácula, que teremos, mais dia, menos dia, que reparar.

Outro fato, que vale como um exemplo. Certa feita encontramos Quintão seriamente magoado com um velho amigo. Tratava-se de distinto cavalheiro, o qual, sabendo do caso, disse:

Não se importem, eu me arranjo com o Quintão.

Ao dia seguinte, ao passar, apressado pela Federação, na ânsia de não perder o ponto, na minha repartição pública, que se fechava com rigor matemático, às 11 horas, demos com os dois velhos companheiros e amigos na mais cordial intimidade, à porta da Livraria.

As questões se resolviam assim. E assim tudo se dissolvia. Não se dissolveram, porém, estas cinzas, amigo Quintão, que sobraram do seu magnífico pires.

Quando há nos humanos o que se chamaria bom coração, ou, para usar a frase muito comum em bocas piedosas, sentimentos cristãos, quando os indivíduos são bem intencionados, e não lhes ronca no íntimo a desconfiança e a má fé, para logo desaparecem os mal entendidos; não nos ficam eles solapando o Espírito; nem as rugas, percalços naturais no convívio humano, tomam a forma de injúrias irreparáveis.

Somos humanos ainda. Destarte deixamo-nos levar pelos pendores enraizados, sem que consiga limpá-los a lixívia de nossos conhecimentos. Os que se adiantaram, porém, no caminho do progresso espiritual, desde logo caem em si, quando surpreendidos pelo surto das paixões que supunham extintas. Tratam, então de reabilitar-se, e não é, muitas vezes, sem um pouco de arrependimento e um pouco de vergonha, que estendem a mão amiga ao adversário ou ao suposto adversário.

Mas esses atos são tão pouco contraditórios, que o seu valor está na raridade. Felizes aqueles que seguem o preceito evangélico do esquecimento de qualquer ofensa, sem que esta nos aflore mais à consciência, e possamos dá-la como inteiramente desfeita, como inexistente.

Também militamos na Federação Espírita Brasileira.

Discordávamos, às vezes, daqueles que nos pareciam de inabalável ortodoxia doutrinária.

Chegamos a pensar em transportar-nos a outra comunidade. Força é confessar que não achamos fora dali gente tão honesta, tão sincera, tão digna. Um a um daqueles antigos companheiros e amigos, se foi retirando pelo reclinatório da sepultura, como diria Camilo Castelo Branco.

A lembrança da mocidade, quando ela vem enflorada de tão suaves recordações, é como um lenitivo nas desilusões da velhice. E aqueles tempos como parecem ir tão longe.

Dos velhos tempos ficou o Quintão. Havia muito que não nos víamos. Fui visitá-lo no seu cacifo, como ele diz. Não é fácil escalar a rua em que mora. Escondido em alcantis, parece ele experimentar na visita dos amigos o valor das amizades.

As rajadas do tempo não conseguiram abater o ânimo do destemido beletrista. Abraçamo-nos comovidamente.

Dizia-nos uma entidade espiritual: É preferível sacrificar uma ideia a sacrificar um amigo. E é de notar, de fato, que as ideias passam e os amigos ficam.

O estudo, a observação e a meditação nos têm feito ver como tudo se altera no terreno mental. Até os postulados científicos, que se diriam estabelecidos em pedestal de granito, vão ruindo à proporção que novos conhecimentos surgem nos horizontes do saber. Hoje recordamos com assombro as fogueiras da Inquisição, a matança de cátaros e albigenses, a traição da noite de S. Bartolomeu, as Cruzadas, as guerras religiosas, a crueza com que eram tratados indivíduos de outras crenças.

Os fanáticos de outrora, trazidos à nossa época, haviam de horrorizar-se com as iniquidades cometidas, e mais do que isso, com a estupidez que os levou a praticá-las.

Daqui a alguns anos, muito do que temos por absolutamente certo, se nos afigurará absolutamente errado.

Mas, por esses erros, quantas amizades sacrificadas!

Um amigo – dizia o filósofo – é uma incalculável riqueza. E os Espíritos nos dizem que uma das maiores alegrias do Espaço é ver-nos entre os velhos amigos, é sentir-lhes as vibrações, é envolver-nos na mesma luz.

*

Há muito que dizer do livro do Quintão. Mas como aparar do lápis os ditirambos que nos estão a chover sobre os dedos e a escorrer para o grafito numa ânsia insopitável de passarem para o papel.

E a posteridade ficará sem saber o que pensamos do livro, da sua feitura, da elegância da frase, da originalidade do trabalho, do sabor do estilo.

E a propósito do estilo, lembram-nos ainda algumas cinzas. Um confrade costumava referir-se ao estilo clássico do nosso amigo. E afirmava que o Quintão conservava o estilo quinhentista.

Pois, tenho-lhe inveja – acrescentava, chocarreiro.

E o Quintão, ao saber da piada, replicou:

Não é preciso invejar-me, porque o estilo dele é muito mais clássico ainda, porque é antediluviano.

Como atualmente, já ninguém se esmera no vernáculo, os moldes do bom escrever incidem nas críticas dos que timbram em escrever mal.

As Cinzas do meu Cinzeiro é obra sui-gêneris. Não vimos, ainda, outra que se lhe assemelhasse. É uma história de retalhos; são crônicas históricas. É a revivescência de casos, de humanos e de costumes, na Capital e em pontos onde esteve o Autor. Tudo gira em torno do Espiritismo. E a história assim contada, com elegância e graça, em forma de episódios, romanceada, torna-se sumamente agradável.

Quintão militou nas letras. Fora jornalista, poeta, e ainda hoje não abandonou o plectro. Conheceu muitas gentes e muitas coisas. As crônicas revivem agora as coisas e as gentes daquele tempo, com a fidelidade de um historiador honesto. Nós, que conhecemos muitas dessas gentes e dessas coisas, sentimo-nos voltar aos tempos idos. Quase que repetimos como Cícero: - Ó

têmpora, ó mores! A história em crônicas, relatada com as cores da época, entra-nos profundamente no Espírito. Parece-nos estar de novo presente aquelas cenas renascidas da pena do confrade. A recordação daquilo que chamamos “os bons tempos” ameniza a dureza e a agitação mortificante dos tempos atuais.

Estas Cinzas são um precioso repositório de fatos e de contos, de que se poderão aproveitar os jovens de agora. É o testemunho do fenômeno; é o exemplo dos varões honestos, que quase todos já partiram; é, enfim, a ressurreição de episódios que ficariam cobertos pelo pó do esquecimento se o nosso amigo os não perpetuasse num livro. As Cinzas não poderiam desaparecer.

Algumas crônicas que aqui se acham já foram escritas a seu tempo e a seu tempo publicadas; outras são inéditas. Mas ninguém se lembraria daquelas e estas jamais seriam conhecidas se um editor, provavelmente arqueólogo, não se lembrasse de as publicar.

Seria pena perdê-las. Há casos edificantes uns, emocionantes outros, verdadeiros todos. Nenhuma fantasia; do Autor só o labor literário. Os vultos do passado, os nossos confrades de primeira hora, desfilam diante de nossas vistas, sem que a narrativa os deslustre.

A pena de Quintão não se maculou em demasias, nem sua crítica fere quem quer que seja. Nem quase se percebe no seu estilo aquele humorismo, aqueles gracejos que os adversários não gostavam. O sal desagrada a muita gente. Mas o Autor não pejeja, expõe. Não há crítica, há história. O campo é o da narrativa.

E aqui temos cumprido, como nos foi possível, o nosso mandato. Cremos não ter deixado passar o menor elogio.

E se algum escapou, que nos desculpe o velho historiador; não houve qualquer intenção de nossa parte. Enfim, tudo são cinzas. Mas das Cinzas deste Cinzeiro há de surgir a Fênix que ilustrará a mente e sensibilizará o Espírito dos que folhearam estas páginas.

Niterói, julho de 1952.

CARLOS IMBASSAHY

(Anotações:

Em todos os escritos existe sempre algum aprendizado, portanto, caminhemos para o conteúdo descrito pelo irmão Quintão.)

I - O PAI É DEUS

Manhã de inverno, úmida e pardacenta.

Blocos de nuvens baixas rolavam pelo céu em tonalidades e contornos indecisos como o meu próprio Espírito, assustadiço e vígil.

A noite, em silêncio lúgubre, sincronizando ao tic-tac do relógio o ritmo do coração, passamo-la inteira num pressago êxtase, a contemplar a pequenina fronte que se nimbava de morte.

Mas... Por que falar de morte?

Ela, a primogênita, a primeira visita que nos chegara ao lar em clâmide de graças e alvoroço de sonhos, não poderia morrer assim naquela manhã fria e úmida, quando mal começava a viver para nós no fulgor dos seus olhos, na música da sua fala, no hímene de seus lábios, com sorrisos desatados em beijos...

Nem por menos, indigente, escusa lira tangerina o PATRIS AMOR:

Quando a teu lado algumas horas passo,
A contemplar-te, filha estremecida,
Tudo me esquece e o próprio mundo escasso
De gozos, gozo me propina à vida.
A humana sorte, vária e fementida,
Que desilude e fere a cada passo,
Não me magoa, nem mais intimida
Na atroz jornada o aspérrimo cansaço.
Tenho-te! E que outro bem mais compensara
As de viver, angústias que padeço,
Angústias que não matam, mas consomem
Por ti, já não maldigo a sorte avara
Pois que te vejo e vendo-te me esqueço
Eu que sou pai, que sofro de ser homem.

Deus, o grande Deus de avitas crenças, que no-la enviara dos arcanos da Vida em mensagem de bênçãos, não devia, não podia arrebatá-la assim, - avezinha implume – ao ninho tépido do nosso amor.

E o amor operaria o milagre. O anjo bom de Esperança também por ali deambulava com sutilezas de éter a flabelar no ambiente de luto, dentro da noite grande e na imobilidade das coisas mudas, as suas brancas pacificadoras asas de cristal. - Pois vai, disse-me, ou melhor – adivinhei no olhar da companheira, olhar de mãe, cuja tempestade transparente de angústias eu não pudera nem quisera, se o pudesse, traduzir naquele instante...

*

Fora, quando parti, cantavam galos ao desafio, evocando no ar parado o gume de lâminas a retalharem corações.

Morávamos então na Rua Jobim, no Engenho Novo, e longa fora a caminhada.

O bonde, rodando vagaroso na toada dos sincêrros da parelha estafada, era o meu plaustro de angústias em ebulição.

Passageiros outros haveria, mas, que me importavam eles se nenhum, absolutamente, compreendia o meu cruzeiro em volutas íntimas de temores e sombras.

No velho Mangue de então, as palmeiras lacrimosas eram como círios perfilados numa procissão de opas verdes...

Que imagem extravagante! E os silvos agudos de locomotivas em manobra, na velha “S. Diogo”, eram quais uivos plangentes de agoureira matilha...

Saltei e sonâmbulo, automático, atravessando o canal, tomei outro bonde – Santa Alexandrina,

farolete amarelo.

Desespero...

As nuvens liquefaziam-se em pérolas... Lágrimas no céu, lágrimas na Terra; lágrimas do meu coração e dos meus olhos.

Estas, porém, ainda me não sabiam a desespero...

Vinham em rega de esperanças, temperadas de fé, irisadas de sol para a sementeira da experiência no campo ubertoso das provas futuras.

Eram o meu batismo de fogo, eram os primeiros acordes de uma sinfonia que se prolonga por trinta anos...

Bendito seja Deus! Que assim me permite evocá-los, agora, na compreensão integral da sua justiça.

E da sua misericórdia.

*

Defronto, agora, um modesto “chalet” dependurado na aba da montanha agreste. Estamos na Rua Santa Alexandrina.

Uma placa, um número 37 ou 39. Que importa um número a quem persegue um infinito? Palmas...

Amélia, a mãe-preta da família, ainda há pouco traspassada, insinua-se na brecha de uma porta e abre-a num gesto humilde, acolhedor.

- “Nhô” Richard ainda se não levantara, ia prevenir.

Sento-me, espero; divago o olhar cismoso pela sala modesta. Colgado ali, num trato de parede, um retrato de Bezerra. Creio que me sorri um sorriso piedoso, e esse sorriso afigura-se um raio quente de sol a dissolver-me as trevas do Espírito.

Esquisito, sem dúvida, mas real.

Longe, no ar molhado da manhã cinzenta, uns grandes olhos negros a rolares em órbitas roxas, roxas e cavas, me chamam e todo o meu eu voa, e paira alto, solene, acima de tudo, por contemplá-los, por lhes sorver toda a angústia num hausto de compaixão.

- Minha filha! Minha filhinha...

- A filha é de Deus, meu amigo; o Pai é Deus...

Eram já outros olhos, úmidos também, mas de um fulgor estranho e suavíssimo a ressumar bondade. E a voz que assim falava também era de um timbre novo para os meus ouvidos adormentados.

As mangas largas do seu pijama erguiam-se, avultavam, estendiam-se à maneira de um pálido com brocados deslumbrantes. Porque me deslumbravam em fulgurações de vida nova... Também, não sei, lembrei-me de Céphas ao afirmar o Cristo, Filho de Deus vivo. Sim, ele o sabia, ele o sentia comigo, mais do que eu... Ia vestir-se, partiríamos juntos... Que visse: estávamos a 8 de setembro, data consagrada a Natividade da Mãe de todas as mães, de todas as filhas... E aquelas lágrimas que eu lhe via nos olhos claros, eram a orvalhada da prece que viera de fazer à sua, à nossa Mãe Santíssima...

A Virgem, sempre fora, em toda a sua estrada pontilhada em fragedos, o fanal da consolação; o segredo do sacrifício para a eucaristia da fé...

Sim, iria comigo, partiríamos de pronto, juntos obsecraríamos do Espírito Excelso a cura da filhinha estremecida.

E fomos, e oramos, e fundimos em lágrimas o coração.

A Maria das Dores agonizava, morria... O olhar que me deitou, ainda o tenho vivo no relicário do Espírito, em penhor de novas luzes aclaradoras de lindeiros abismos, pela senda aspérrima que se me estendia, longa, futuro a dentro, às plantas vacilantes e tardas...

*

O milagre não se dera qual o presumíamos: eu cego, com certezas ilusórias – ele vidente, com

esperanças possíveis, talvez...

Minha filha morreu nesse mesmo dia brumoso de inverso. No dia imediato, também natalício do saudoso companheiro, ele em orando à sua, à nossa Mãe, já debruçado sobre o pequenino e róseo esquife obtivera, porventura, o milagre maior, que seria a soldagem de nossos Espíritos em curso de eternidade, sob a égide de Jesus. E nunca, nunca mais se me esfumaram na memória, em pontifical de saudades, aquele gesto e aquelas palavras miríficas: - a filha é de Deus, o Pai é Deus.

Era a voz da verdade para a Eternidade.

Hoje, no Espaço, o companheiro sabe que a sua Virgem o armara em profeta, para que a Maria das Dores do meu afeto se transformasse na Maria dos Milagres, para o milagre maior, que a Virgem haveria de nos conceder.

Bendita seja Ela! E abençoado o companheiro que, Pedro de nome, mais o era na mesma fé que remove as montanhas do egoísmo humano, ainda quando abroquelado num coração paterno.

Coração de barro, esterco de cemitérios...

(Anotações:

Mais uma vez podemos observar que, pequenas sentenças produzem grandes efeitos! Perguntemo-nos o seguinte: Quem 'sugeriu' a frase com as palavras miríficas? Intuição...)

II - DESTINOS

Novembro 29-1939

Um fato vale sempre por mil e uma teorias. O fato que aqui vamos sumariar ocorreu há mais de 30 anos, em Vassouras.

A heráldica quão poética cidade fluminense vivia, então, do só prestígio de seu passado faustoso, qual garça branca pousada em macias colinas verdes, que foram de antanho cafezais famosos.

Dela tendo aflorado a ideia da nossa maior via férrea – a Central do Brasil – esta, como por capricho do destino, desviara-se-lhe do berço, preterindo-lhe o farfalhar caricioso das palmeiras virides pelo sussurro manso do Paraíba sinuoso.

E a estrada de ligação em aclave de 6 quilômetros, por onde corriam outrora diligências e seges brasonadas, presto se transmudara em linha de bondes de tração animal, que, por sua vez e graças aos esforços do comendador Matos, ensejara a Ferro-carril Vassourense, aliás, já decrépita, a merecer ode, da qual nos lembra agora esta só estrofe:

“Nem Watt nem Cagnot de parceria,
 Sonharam para o invento em dado dia
 A perfeição
 A que atingiste, oh! Vassourense nossa,
 Lampas levando à mais veloz carroça,
 E ao coração...
 Sibilas, roncadas estertoras, bufas,
 Trovejam pragas e remoques, chufas
 Da multidão,
 Mas tu conquistaste um lugar na história
 Das estradas de ferro... (quanta glória!)
 E... sem carvão!”.

Isto, porém, não vem ao caso. A Ferro-carril ainda voltou a bonde, empresada por Léon Gilson, o pai do afamado “creme suíço” que aí vai num crescendo inverso, a desafiar a gula e o bolso do consumidor.

*

O que importa, ao tempo que nos ocupa, é que desse caminho tão intensa e variamente trafegado não havia, então, mais que acidentada fita barrenta, pela ringiam as velhas tipoias de pilecas magras do João de Lima e do Zé Calvet.

Por essa estrada caminhamos os três: Casemiro Cunha (o poeta cego que mal ensaiava os primeiros acordes da lira hoje exúbere em Parnaso de Além-túmulo); Constantino (o médium) e eu.

Aonde íamos? Visitar alguém cujo nome não me ocorre, ou simplesmente arejar, talvez, na frescura da manhã vernal.

Abaixo do “Matadouro” ainda hoje existente, costeando o vale apertado do “Ribeirão das Mortes”, à direita de quem desce, plasmava-se o velho casarão quadrado dos Caldeiras (nome figurado), gretado, varicoso, qual chaga exposta às injúrias do tempo. Ali vivia, ou antes, definhava um dos rebentos da estirpe outrora influente e abastada.

O homem, em sobrevivendo a decadência econômica, conseqüentemente à abolição da escravatura, entrou um dia a beber, a definir, e acabara dementado na mais feroz misantropia. Ao demais, paralítico das pernas.

Ninguém o visitava, nem mesmo os parentes, de vez que – diziam – emudecera de todo para só grunhir quando lhe penetravam na alcova transformada em câmara escura permanente. Era a

fobia da luz, apenas atenuada pela fumarenta candeia de querosene.

A voz pública, displicente, estimava em tudo aquilo um ‘caso perdido’, que começara produzindo assombro, que esgotara todos os recursos e providências e acabara por entrar no rol da indiferença, à força de hábito e presumível convicção de inelutável fatalismo. Claro, portanto, que, também nós defrontando o solar ruinoso, não nos preocupávamos com o caos.

Mas, eis que, de súbito, estala no âmbito bucólico da manhã, gritado e repetido o nosso nome:

Quintão! Quintão! Espera! Espera!

Paramos os três, aturdidos. Num salto de jaguar, vimos, então, sair de uma porta um frangalho de gente e precipitar-se pela encosta do morro, na trilha que entestava com a pinguela, alta de 4 metros sobre o riacho e cravada na margem oposta, onde nos achávamos surpresos, estatelados.

O vulto estranho parecia antes deslizar que pisar no solo. Até hoje, não sei como transpôs aquele pau roliço e veio, seminu, envolto num cobertor, projetar-se de joelhos em plena estrada, junto de nós!

Espíritas incipientes, bisonhos, ainda assim, compreendemos e lembramos que a prece é o remédio heroico para todos os males. Oramos. Ele desatou a fisionomia, asserenou o olhar, sorriu... O médium estremeceu, incorporou espontaneamente, passou-lhe a mão na cabeça e falou como não falaria o Constantino, aliás, analfabeto. Era uma exortação altiloquente, entrecortada de episódios impressionantes, dolorosos, de espáduas cortadas a relho e sevícias de polé. O drama inconfesso e recalçado das senzalas, todo o fermento ultriz da escravidão.

*

Quando o médium calou, o paralítico, o mudo, aprumou-se e gaguejou - obrigado! E foi-se hirto, firme, regalou a pinguela e entrou no casarão deserto.

Refeitos da surpresa indizível, a pleno sol, prosseguimos comentando o fato insólito. Ninguém o crera possível, ninguém o testemunhara, exceto nós. Mas, ainda assim, como? Casemiro, cego, só de outiva poderia depor; o médium Constantino, inconsciente - por isso que de incorporação completa - nada compreendia do feito; o obsidiado voltara, provavelmente, ao seu mutismo e à sua alfurja de trevas.

De conjectura em conjectura, prometemo-nos, porém, interceder sistematicamente a favor do paciente e, ao fim de alguns dias, ei-lo melhorando, a convocar-nos com insistência.

Já monologava com acerto, pedia alimento, entrara a dormir regularmente. Esquelético, macilento, a prolongada imobilidade atrofiara-lhe os músculos, até que um dia pôde levantar-se, andar... Estaria curado? Relativamente...

*

Afastado de Vassouras, dobados anos, chegamos mais tarde a vê-lo em Barra do Pirai, onde, tímido, aguardava, na "gare", os comboios, por estender a mão aos passageiros. Não nos reconhecia, talvez...

Não saberia, tampouco, contar a sua história. De resto, quem o compreenderia, quem o acreditaria? E, contudo, ele era o rebento de uma das mais prestigiosas famílias da céspede vassourense, da arcádia fluminense dos Massambarás e Araxás, que Lucindo Filho tanto amou quanto ilustrou.

*

Ainda hoje, sete lustros transcorridos, revolvendo o meu "cinzeiro", pergunto como poderia aquele pobre irmão dementado, entanguido no seu catre e na sua alfurja de sombras, presentir nossa passagem na estrada, 50 metros distante e vir, lépido, até nós, transpondo uma tosca pinguela de pau roliço, que, só por só, demandava milagres de equilíbrio!

E, por que falara o outro - o médium, de tudo aquilo que não sabia, que não podia improvisar, com riqueza de colorido e abundância de lógica?

Farsa? Mas... para que e para quem? Depois, as melhoras consequentes, positivas? Casemiro, Constantino, ele Caldeira, a própria casa, na sua moldura ambiente, já não existem hoje para os meus olhos cansados do mundo.

Tenho, porém, viva na retina do Espírito a cena real, edificante, e aos meus ouvidos ainda ressoa como eco de eternidade aquele - obrigado. Oh! as cinzas do meu cinzeiro...

(Anotações:

É evidente que, quando reclamamos demais, podemos receber ajuda de amigos espirituais, e essa ajuda é no sentido de nos esclarecer as situações em que nos encontramos e que tanto nos atormenta. Conhecidas as razões das dores, entendidas e aceitas, a 'consolação' torna-se evidente, como se fora novas forças ao Espírito combatido. Devemos prestar atenção aos recados dos nossos amigos espirituais, pois neles estão muitos dos conselhos dirigidos ao nosso correto proceder. Lembrando o velho adágio: Quem avisa amigo é!)

III - AUGÚRIOS E AGOIROS

Claras, leves e frescas, estas cinzas.

Há apenas três meses que ele se ausentou do nosso convívio.

Dois dias antes do trespasse, faláramos pelo telefone: - estava melhor, pois não, e ansioso por notícias da Paulicéia, de onde me sabia regressado. Não faltaria à próxima reunião da Diretoria, no Sábado imediato.

- "Até Sábado, caboclo" – foram as últimas palavras que lhe ouvi e ainda me ressoam aos ouvidos, terebrantes de saudade.

- "Até a primeira, se não for antes..."

É, como se vê, que não é sem razão que costumo banalizar o quem sabe o minuto que passa?

*

26 de outubro. Sol a prumo, 14 horas, sesta de ripanço.

Na rua em declive e no silêncio morno da tarde a garotada, em correria, chuta latas velhas, morro abaixo.

- Isto é agoiro na certa - observa alguém, dentro do lar.

Anoto, sorrio, calo. Quem pode fazer abusões? Quem se deslembra do canto da coruja, da aranha preta, da cova do cachorro no fundo do quintal?

Superstições avitas, sem dúvida; mas, a verdade é que a breve trecho, uma hora talvez, batia-me à porta o mensageiro com a nova infausta: o Presidente da Federação havia desencarnado às 14 horas mais ou menos.

*

Quando lá cheguei, à sua casa enlutada, ao cair da noite, já lhe não pude ver a face morena aureolada de cabelos brancos.

O companheiro quisera, assim, esquivar-se à contemplação do seu cadáver, recosido num lençol. E assim foi inumado, sem galas e sem flores, nem mesmo de retórica, tão saboridas a uns tantos amigos do cartaz.

Em compensação, quanta religiosidade muda, quanta emoção edificante, quanta dignidade espiritual nesse transe patrimonial de todos nós!

Lágrimas houve, de certo, mas nem todas afloraram; antes se catalisaram nas cambiâncias da Fé comum.

Desta espécie as minhas lágrimas. Chorar por que, e para que? Lamentar a falena que rompe o casulo em remígio de núpcias florais, é cúmulo de incongruência, em despreço ao divino Mestre, quando afirma que digno é o trabalhador do seu salário.

E ninguém mereceu melhor a salário que Guillon Ribeiro.

Conheci-o há 31 anos, em circunstâncias que merecem lembradas, foi em 1913, quando se empenhou na Federação Espírita Brasileira memorável campanha a prol da renovação periódica das Diretorias, que desfechou no afastamento do prezado companheiro Leopoldo Cirne.

Guillon foi o indicado pela maioria para secretariar a memorável quão rumorosa assembleia. Até lá conduzido pelo próprio Cirne e pelo Inácio Bittencourt, amigo que era de ambos e frequentador do "Centro Charitas", de Botafogo, onde, suponho, fez sua iniciação doutrinária.

E o interessante é que o nosso primeiro contato foi francamente litigioso. É o caso que eu havia fundamentado meu voto por escrito e, diante da feição tumultuária do ambiente, desistira de o

pronunciar em plenário, assumindo a Mesa o compromisso de inserção na respectiva ata.

Triunfante a chapa oficial e omitido o compromisso, não houve como relevar ao Secretário a lavratura de uma segunda ata, longa e minudente de muitas páginas.

Guillon era rijo, eu teimoso; mas, parece que o entrosamento das ideias houvera de servir de ponto nodal para ulterior ajustamento de afinidades.

No fundo identificados pela sinceridade de intenções, um ano mais tarde tive-o como Diretor da Livraria na Segunda Diretoria renovada, mercê da reforma estatutária. Ele acabara reconhecendo a procedência e alcance da inovação, e não mais deixou de colaborar nas Diretorias subsequentes, alternando nos cargos de secretário, vice-presidente e presidente da Federação.

Convocado ao "Grupo Ismael" pelo velho Richard, aí acendrou e disciplinou a sua têmpera evangélica, nos moldes da mais sadia solidariedade cristã. E foi assim que convivemos 27 anos consecutivos.

Dizer que nunca divergíssemos, seria faltar à verdade; mas, o certo é que as nossas divergências não deixavam resíduos, não quebravam jamais o ritmo de recíproca e absoluta confiança.

Às vezes, por verificar até que ponto sintonizávamos ideias, opinávamos previamente por escrito - assim uma espécie de correspondência cruzada - e tínhamos a satisfação de verificar que as divergências, aliás raríssimas, eram antes de forma que de fundo.

Outras vezes, eram pensamentos que se encontravam acidental, espontaneamente, com surpresa de ambos.

Também houve quem dissesse que Guillon, por vaidade, se perpetuava no cargo.

É injustiça clamorosa e não trepido em dar testemunho do contrário. Não houve um só pleito em que ele não insistisse comigo para substituí-lo no cargo, ainda porque se sentia fatigado e doente.

E era eu - eu, vejam bem, o campeão da reforma estatutária de 1915 - quem haveria de relevar ao antagonista de antanho e correligionário de agora a inconveniência do sistema, teoricamente belo e desejável, mas praticamente anódino contraproducente. E assim, foi que ele veio a desencarnar no seu posto honroso. Austero por índole e por educação, finíssimo no trato, muita gente o julgava retraído e orgulhoso; entretanto, quem lhe granjeasse a intimidade, veria que ele em ser muito cérebro, era mais, porque era todo coração.

E morreu do coração... decepções, injustiças, amarguras e agravos, teve-os ele, de certo e à farta, no posto que a Providência lhe assinou. Mas, que importa, se é esse o melhor troféu de quantos, ao serviço do Mestre, sobranceiros à niquícia dos humanos, sabem o que significa preservar até o fim?

*

Portanto, Guillon amigo: tu que me tomaste a dianteira; tu que, soprando as do indefectível cigarro, perguntavas pelas "cinzas do meu cinzeiro", aqui tens esta larada em resfolgo de muita saudade e algum despeito. Porque ganhaste a aposta...

Digno é o trabalhador do seu salário. Recebeste-lo já, de certo, na razão opima da munificência divina, enquanto que eu aqui ainda, raspando as aparas do salário mínimo...

E o que mais é: trabalhador da primeira hora, na hora da coordenação.

(Anotações:

Um Espírita louvando em reconhecimento da Lei de Deus no desencarne de um companheiro de caminhada evolutiva espiritual. Chorar para fora não; chorar para dentro, com sentidas saudades do companheiro que terminou mais uma tarefa... Assim é e será com todos nós!)

IV - O BORGES

Fevereiro, 1940.

O BORGES... - Perdão, Borges Afilhado, corrigia sempre risonho, a mostrar os dentes alvos, perfeitos. Aquele Afilhado, soubessem-no, era uma homenagem viva ao padrinho, a quem tudo devera na vida, e de quem lhe aprazia memorar os feitos com loquacidade e blandícias de criança. Feitio de um coração aberto à gratidão, como poucos hei encontrado na vida.

Figura singular, eu já o conhecia de vista, dos trens de subúrbio. Terno preto, chapelão mole à Quintino Bocaiuva, entrava pisando duro e sobraçando invariavelmente uma grande bolsa de malha pejada de embrulhos. Houve quem o apelidasse, por isso, o homem da família, parodiando o Rio Nu, revista teatral então em voga, do saudoso Artur Azevedo.

Também o outro, o senador e general, entrava hierático e, metido na sobrecasaca preta, indefectível, abancava-se discretamente no mesmo vagão, não com a bolsa de malha, mas com a luva ociosa a brincar-lhe entre os dedos.

Bons tempos de antanho, que não voltam e nos quais o mísero vintém poupado, com a efígie imperial, ainda circulava com valor venal e até potencial de motins populares. Não tínhamos o Cristo de braços abertos no Corcovado, mas, parece que o tínhamos cá em baixo, mais perto e na intimidade dos corações.

*

Nesse tempo, a Doutrina dos Espíritos era para mim pouco menos que hipótese maluca de cérebros vadios, grosseiro abuso. A figura bonachona e pitorra do Padre Cabral, o pároco do meu arraial, ainda me brincava na pupila mal entreaberta às realidades do mundo e um trecho de carta paterna gravara-se-me memória como veredicto de fogo: O filho do João padeiro aqui apareceu amalucado, dizem, devido ao Espiritismo... Fuja dessa seita diabólica, meu filho. Não, não fugi, não a procurei tampouco; mas a doutrina encontrou-me na encruzilhada da vida e no entrevero das provas. Já contei alhures como isso foi, por sequestrar-me à resolução fatal do suicídio.

*

E foi assim que, mais tarde, fui encontrar e reconhecer, para estimar e admirar, o meu Borges Afilhado, nesta Casa de Ismael. Fosse por afinidade espiritual intrínseca, fosse por comunhão de preito ao magnânimo Espírito de Bezerra de Menezes - o Kardec brasileiro - o certo é que Borges nunca mais deixou de recorrer às minhas faculdades mediúnicas, para si, para a família e para os amigos. Com isso, muita vez me colocou em sobressaltos de consciência, tal a gravidade, pelo menos aparente, de uns tantos casos que me apresentava.

A grande confiança que, generosa e gratuitamente me dispensava, levava-o, muita vez, a consultar-me sobre assuntos pertinentes da vida de relação e que me pareciam aberrantes de recurso mediúnico. Discutíamos: o encarnado, dizia-lhe, tem o seu Guia espiritual, que lhe dá sempre as intuições oportunas, para que proceda sem falseamento à lei do livre-arbítrio... Tudo é caridade e depende da intenção - respondia risonha e teimosamente, mas, tão carinhoso e convicto, que acabava vencendo, quase sempre. Certa feita, porém, não venceu. E foi a última. Queria, hepático que era, saber se deveria trocar o Rio de Janeiro por um clima de altitude, deixar o solentarismo burocrático de um cartório - o do Tabelião Castro - pelas atividades de hoteleiro do interior, em Palmira, se me não falha a memória.

Um bom partido, acrescentava esfregando as mãos, ainda do ponto de vista econômico. Pois não tomei do lápis. Disse-lhe apenas que não aplaudia a ideia, que vigiasse, que orasse e fizesse

como bem entendesse, e ele assim fez; mudou-se, sacrificou interesses, comprometeu economias no arrendamento do hotel.

*

Três meses não decorridos, D. Yayá, a esposa, surpreende-me com um bilhete lacônico, nervoso: Aqui estamos na Rua Visconde de Santa Cruz e o João, muito doente, pede a sua presença. Fui vê-lo. Era um elefante, um monstro disforme! A inchação tomara-o da cabeça aos pés, enfiado num roupão de chita com diâmetro quádruplo do seu corpo! Arquejante, mal pode estender-me a mão pesada, enorme. Não queria médico. Havia de ser o Bezerra quem o tratasse, por meu intermédio, ou morreria sem ele e sem mim, com a sua fé. A fé, sim, remove montanhas, mas no momento, não a teria eu, para quem o pobre amigo ia sucumbir, fatalmente, asfiziado com aquela dispneia.

Contudo, lá nos veio a medicação: as agulhas, os passes...

Borges tinha fé e queria morrer coerente com a sua fé... Mas não morreu e, o que mais é, robusteceu a minha fé. Em três dias, toda aquela infiltração desaparecia como por encanto, pois não houve, que vissemos, nenhuma eliminação anormal. As condições gerais melhoraram a olhos vistos e dentro de 8 dias entrava ele a auxiliar ativamente outro saudoso amigo - o Pedro Richard, na construção desta Casa de Ismael, onde um e outro permaneceram fiéis até o fim. O fim demorou anos ainda...

*

Certa madrugada, na Rua Getúlio onde então morava, o Borges acordou pedindo à esposa que me mandasse chamar.

Não se sentia bem e queria falar-me com urgência. Ela obtemperou que a hora era imprópria, que esperasse amanhecer.

Conformou-se, pediu que lhe fosse preparar um café bem quente. Era a sua bebida predileta, e quando a esposa pressurosa voltava a oferecer-lha, encontrou-o trespasado, os lábios sorridentes, naquele sorriso todo seu... Assim o fui ver, manhãzinha, no lar surpreso e desolado; assim ajudei a depô-lo no seu esquife, que acompanhei ao Inhauma. E assim o vejo, infalivelmente, no que costume chamar o meu filme de todas as noites, quando, em prece, procuro esquecer e trocar as realidades ilusórias deste mundo pelas realidades definitivas da vida imortal. E quando mentalmente lhe pergunto como foi o milagre daquela cura, ele aponta para o alto e parece dizer: são os milagres da Fé.

Reacendem-se, então, as cinzas do meu cinzeiro e a tela se dilata e reverbera em cambiâncias maravilhosas...

(Anotações:

As ações espirituais efetuando 'reparos' na parte física do encarnado, quase sempre estão ligadas à conclusão de determinados 'trabalhos', que nada mais são do que necessidades do beneficiado para bem conduzir suas provas... Acreditar no plano espiritual ainda nos é muito difícil, mas vamos em frente...)

V - VAI E TE SERÁ DADO

Março, 1940.

1904 - Estamos, por assim dizer, na aurora deste século tormentoso, que haveria de abrir tão grandes brechas e desconchavos no mesquinho aritmógrafo dos idealismos humanos.

A "cidade maravilhosa" mal começava a despir-se da velha feição colonial, por tocar-se de afeites que, já hoje, vão parecendo velharia... "Tout casse...". Nem arranha-céus, nem bondes elétricos e combustores ditos. O asfalto era um mito, e o velho bronze de S. Francisco de Paula ainda marcava, para muita gente, o toque do Aragon.

A Federação não sonhava construir uma sede, nem se falava em Avenida Passos.

Ela, a Federação, espremia-se e exprimia-se ali assim nos 1º e 2º andares da Rua do Rosário 97, num "rosário" de harmonias. E era de ver-se a desfiá-lo um Geminiano Brasil (1), um Aristides Spínola, um Abel de Matos, um Pedro Richard, um Viana de Carvalho, todos à compita buscando validar alto o programa de fraternidade pela exemplificação. E havia fraternidade, de fato.

1 O Dr. Geminiano Brasil de Oliveira Góes, magistrado, Presidente de Província no regime imperial e deputado à constituinte republicana. Desencarnou aos 21 de Maio de 1904, como Vice-presidente da Federação, em substituição de outro eminente confrade, o Dr. Maia de Lacerda.

Tratava-se, então, de comemorar o centenário natalício de Allan Kardec, dando-se ao evento um cunho de maior repercussão no âmbito social. Pela primeira vez, cremos, acorreriam delegações do interior e dos Estados, em magnífica parada de energias moças. Dir-se-ia um esboço da "Organização Federativa" que, só agora, vai surribando o vasto e úbere solo pátrio no amanho das sementeiras. Para o último número do seu tentame, a Diretoria da Federação obtivera, a título gracioso e graça à interferência de Emílio do Amaral Ribeiro - um dos fundadores do instituto - o salão da "Associação dos Empregados no Comércio", ao tempo, dos maiores senão o maior da cidade, a fim de nele encerrar, com maior solenidade, a magna quão grata tarefa.

Nela, não sabemos ainda hoje porque se lembraram de nos designar, neófito bisonho, para orador oficial.

E não houve protestos nem rogativas que prevalecessem, no intuito de conjurar um possível desastre. O desastre não veio talvez, absoluto, senão relativo, e isto, certo e tão só, em razão daquela misericórdia que chega sempre de acréscimo.

De resto, o ultimatum surgira a título precário de última hora, sem tempo de elocubrar, de escrever...

Todavia, não foi por falar de nós, nem mesmo do que precede e procede tão remotamente, que aqui bosquejamos estas linhas (2). Foi, sim, para registrar um fato ilustrativo dessa misericórdia, providencial, divina, desses que ficam por toda a existência a balizar-nos o roteiro augusto da Fé.

2 Para inteiro conhecimento do feito, ver Reformador nº 20, de 1904, ou a "Resenha do Centenário", editada pela Federação.

*

Nós morávamos, então, na Rua Jobim, no Engenho Novo. Os bondes de burro gastavam hora e meia no percurso da Praça Tiradentes (ex-Constituição) ao ponto terminal. O último trem de subúrbios corria a meia hora depois da meia noite, e quem o perdesse havia de aguardar a pé firme o raiar da madrugada. Era o trem dos notívagos e da boemia suburbana, obrigada ao "frak", bengala e chapéu coco... Da velha Estação de Engenho Novo, acaçapada, com as suas grossas colunas de madeira fincadas na plataforma de tijolo, quem se lembra? Pela Rua Barão do Bom Retiro, até Visconde de Santa Cruz, pouquíssimas casas. Daí por diante mato, alagadiços, sebes rústicas, um deserto; ou melhor - um paraíso de sapos e grilos em bizarras concertinas. Esse o deserto que deveríamos palmilhar naquela noite, depois de afrontar o auditório comemorativo do Centenário. O auditório, que não o deserto, era, contudo, o que mais nos intimidava; e por

cúmulo de tribulação, nesse dia, súbito enfermavam a esposa e duas filhinhas de tenra idade. Não havia, em casa, quem lhes fizesse companhia. A própria empregada faltara ao serviço doméstico. Como proceder? As crianças ardiavam em febre, choraminguentas; a esposa aflita, com razão, deblaterava:

- Não, você não pode abandonar-nos assim, neste estado e neste ermo! Se piorarmos? E se formos assaltados?

- Tenha fé - dizia-lhe - Deus é grande, nossos Guias hão de ouvir-nos; depois, sabes, fugir assim ao compromisso, sem tempo de prevenir os companheiros, pode parecer covardia... (Não diremos, nesta altura, de uma resistência ilibada de uns que tais pruridos de amor próprio, muito humanos, por encarecer nossa atitude).

Veio-nos à mente Mateus, XIX: e todo aquele que abandonar, pelo meu nome, casa, ou irmão, ou irmã, ou pai, ou mãe, ou mulher, ou filhos ou terra, receberá o cêntuplo e terá por herança a vida eterna.

E o grande caso é que nos voltamos para Jesus e pedimos ao seu e nosso Bezerra de Menezes que nos inspirasse em tais conjunturas.

Oramos, a medicação e o conselho nos vieram. O crente, disse-nos não vacila jamais e cumpre, simplesmente, o seu dever na pauta evangélica. Aplicamos, então, os passes magnéticos e saímos de chave no bolso, a repetir: pois fiquem-se aí trancadas, com e por Jesus.

*

Deixamos ao confrade leitor o conjeturar como levávamos, para aquela apoteose de graças, o coração de esposo e pai, num misto de esperanças, de amarguras e de... remorsos.

Mas, demos o recado, e agora veja-se que a graça maior é a de podermos aqui proclamar, dobados 36 anos, que, de regresso ao lar, encontramos esposa e filhas a dormirem calma, profundamente, para só acordarem manhã alta, alegres e bem dispostas, como se nada de anormal lhes houvera acontecido.

As filhinhas foram-se há muito deste mundo e sabem hoje, melhor que nunca, a razão dos testemunhos difíceis e dolorosos.

A esposa ainda aqui está, por evocá-los e lembrar, conosco, que a fé que remove montanhas não é uma simples figura de retórica. Antes, é realidade viva para os que fazem dela o pábulo do coração.

(Anotações:

Esta passagem é similar àquela ocorrida com o próprio Bezerra de Menezes e sua família. Os comportamentos de ambos foram similares e os resultados também! A questão da fé ainda é assunto muito delicado para todos nós!)

VI - OS ESPÍRITOS CURAM

Maio, 1940.

Se me lembro...

Foi aqui nesta mesma casa, há 30 anos justos. A casa cresceu e tem remoçado em tintas e solhaduras novas; eu envelheci, simplesmente, crescendo para os desencantos do mundo. A manhã rompera, clara, em concertina de galos e passarinhos, com gotículas de cristal e tremeluzirem nas frondes verdes. Manhã suburbana mais pacífica porque, sem zumbir de elétricos bondes, grandes, nem gamas acústicas de caminhões e... vacas leiteiras.

Era o dia do Senhor e, como prelúdio de repouso, enxada à mão, faço a minha jardinagem...

- Olá! Bravíssimo! – é assim que eu gosto de ver um proprietário incipiente...

Quem diria era o Borges, o mesmo de que já falei nesta poalha de tempos idos. Acompanhava-o um homem baixote, grisalho, bem apessoado. Borges apresentou-me. Era o major B... (um B que aqui não vale Barros) chefe de numerosa família e portador de merecido conceito social. Percebi, de pronto, que ele trazia consigo graves preocupações, transparentes do sorriso polido e contrafeito.

- Quintão – prosseguia o Borges – o nosso major não é bem um dos “nossos”, mas, já teve, em família, uma prova de cura mediúnica, e agora tem um filhinho gravemente enfermo, anuiu em ouvir o Bezerra por teu intermédio, mesmo porque, há profundas divergências no diagnóstico.

Mas, Borges, aqui assim? Bem sabes que...

Não há quês nem meios quês: o caso é meu e tu também sabes que a misericórdia divina está em toda a parte...

Onde haja mérito – interrompi, e aproveitei a brecha para justificar que os diagnósticos mediúnicos, além de essencialmente supérfluos, salvo para o médico da Terra. Em função teórico-especulativa, não tinha, não poderiam ter, o ascendente de infalibilidade que muita gente lhes atribuía. Que visse: os médicos do espaço tinham direito de divergir e mesmo de não opinar, e nesse caso...

Vais simplesmente cumprir o teu dever, dando de graça o que de graça receberes.

Não havia como resistir. Entramos. Rodeado a mesa de jantar, eretos e contrastantes na gravidade das atitudes, o Borges sereno e o major angustiado, pendiam-me do lápis. O lápis tremeu, a mão agitou-se e o receituário veio. Dois medicamentos homeopáticos (1), alternados de meia em meia hora, por 24 horas. De diagnóstico nada! Apenas, esta notação aditiva: amanhã direi sobre a operação. Era o sésamo, o fiat, o toque de Assuero. E o major desabafou:

Como sabe o senhor que se trata de operação?

Fizemo-lhe sentir que de nada poderíamos saber, a menos que ele, ou o Borges, mo houvesse sugerido mentalmente.

Pareceu vacilar um momento e disse:

- Diante do que ocorreu, vou falar com franqueza: meu filho G... (o G. Aqui não vale por Gentil) há muitos dias enfermo, está desenganado; dizem os médicos um caso de abscesso no bordo interno do fígado e que o recurso extremo é a operação, marcada para depois de amanhã, aliás um prognóstico pessimista do médico assistente, íntimo da família e até nosso parente. Mas... eu sempre desejaria que o senhor consultasse, agora, sobre o caso cirúrgico...

(Anotações:

Quando atendermos um irmão que não seja proficiente Espírita ou que não tenha entendimento das ações dos irmãos espirituais sobre os encarnados, o melhor que podemos fazer não é ‘doutriná-los’ e sim, simplesmente, atendê-los, confiando nos irmãos espirituais, seja por sensibilidade ou intuição! Como o irmão Quintão poderia dizer ao

consulente que o seu filho iria desencarnar? Como será que nós agiríamos neste caso? Qual a nossa gama gramatical para o emprego de palavras e frases que não firam a suscetibilidade do pai? Vamos nos preparar devidamente para tais ocasiões...)

FIM